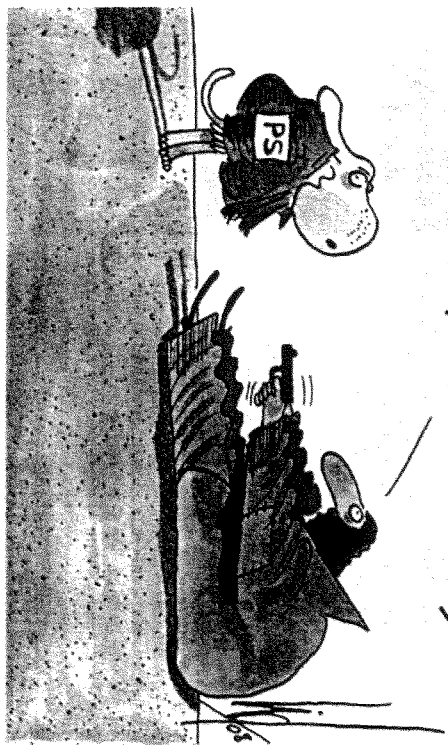


455A TAPA CA AS IDEAS POUPIÇAS!!



numa das regiões mais sensíveis do mundo – e que, por isso, há muito se tornou um símbolo das impotências planetárias.

SINTOMATICAMENTE, a revista *The Economist*, que edita, em vésperas de ano novo, uma publicação especial com as suas previsões fundadas no optimismo doutrinado do mercado livre, é agora muito mais prudente e retratada do que o costume. Como não gosta de se enganar – embora se engane muito mais do que admite –, dedica-se a um jogo de apostas múltiplas para ter mais hipóteses de acertar no alvo. Temos assim cenários para todos os gostos e cores, entre o negro, o cinzento escuro e o cor-de-rosa

VA ECONOMIA FRENTEIRA. UTA, é o mesmo *The Economist* que classifica 2008 como o ano mais perigoso da história moderna para a economia americana. E é ainda *The Economist* que conclui que os mercados financeiros, depois do descalabro do sistema bancário «dantassano», tentam já a caracterizar-se por uma nova aversão pelo risco.

S E a crise económica vai condicionar todo o panorama mundial, basta olhar para o calendário para verificarmos que 2009 será um ano de encruzilhadas dramáticas – nuns casos pela importância dos novos desafios, noutras pelo peso da memória histórica: passam vinte anos sobre a queda do muro de Berlim, se-

O ano eleitoral em Portugal deve decorrer sob o signo das guerras domésticas do alectim e da manjerona

agenda eleitoral poderá trazer mudanças políticas importantes em países de cinco continentes: África do Sul, Índia, Irão, Indonésia, Alemanha, Uruguai (no Chile, Moçambique e Portugal haverá eleições presidenciais e/ou legislativas mais perto do fim do ano).

Mas as eleições para o Parlamento Europeu em Junho, serão um teste verdadeiramente decisivo num ano em que a presidência da União estará nas mãos de eurocepticos (oslovakos e suecos), depois do dinamismo ocasional (e bastante virtual) que lhe imprimiu a adrainhalha de Sarkozy. Desde 1979 que a ausência nos sufrágios europeus não tem cessado de crescer, até atingir uns preocupantes 54,4 por cento em 2004. Ora, pelo caminho

CAS e REGISTRATIVAS. José Sócrates

parte favorável, não apenas porque a crise tende a confortar quem ocupa o poder e apresenta mais garantias (ou ilusões) às clientelas habituais e temerças, mas sobretudo pelo vazio de alternativas oferecidas pelos partidos da oposição, em geral conformados com um papel de prolesto. O braço-de-ferro com Carvo Silva por causa do Estatuto das Açores enfraqueceu o Presidente – para quem a existência da qualidade da democracia não pode aplicar-se à Madeira – e pôs a nu a incoerência e menoridade das oposições. Esta guerra doméstica do alectim e da manjerona, num mundo em crise profunda, é a imagem de marca da pequenez portuguesa. Prevêem-se novas cenais em 2008.

O 'Trono' olímpico nacional

Alexandre Miguel Mestre
Advogado

em 2008», afirmou, ladeado da bandeira nacional e de uma moldura com uma foto da festa que juntou a família real à seleção espanhola de futebol, campeã da Europa. Antigo atleta olímpico e amante do desporto, D. Juan Carlos sabe como poucos da importância da união e galvanização de um

povo em torno do fenómeno desportivo e dos inerentes efeitos catalisadores para os demais sectores da sociedade.

POR cá, primeiro-ministro – ano de eleições – o país «alibre o Cabo das Tormentas» e alcance «tranquilidade institucional», sobrando a avaliação dos (in)éxitos desportivos

de 2008 sobretudo para dirigentes e atletas olímpicos.

Ancorados em 'tados objectivos', o presidente do Comité Olímpico de Portugal (COP) e o chefe de Missão aos Jogos de Pequim sustentam que foram «os melhores resultados de sempre». Por seu turno, os atletas confessam-se «tristes» e partilham «ausência de apoio». O conflito é latente, à entrada para 2009 – ano de eleições no COP

COM o devido respeito, que é muito, por quem merece tributo pela muita obra feita e por memoráveis vitórias e emoções, confesso não concordar com a via escolhida para 'diálogo' tão tenso: a prática pública.

É que existem outras vias mais adequadas, previstas nos Estatutos e no Regulamento Geral do COP. Ali se lê que é com as federações que o COP

coordena e apoia a «representação nacional aos Jogos Olímpicos», e que a Comissão de Atletas Olímpicos (CAO), «entidade integrada» do COP, pode apresentar propostas Mais se diz quanto à CAO: foi criada e regulamentada pela Comissão Executiva do COP, órgão liderado pelo presidente do COP e no qual o presidente da CAO tem assento, beneficia

de apoio financeiro do COP, é membro ordinário da Assembleia Plenária do COP, presidente da pelo presidente do COP, o presidente do COP é, por inerência, presidente da Assembleia Electiva da CAO.

UMBILICAMENTE, ligados, atletas e dirigentes olímpicos deverão, juntos, já em 2009 e não apenas em 2012, dobrar o seu 'Cabo das Tor-

mentas' e cimentar a necessária tranquilidade institucional.

Julgo que é com estas ou outras vias de cariz jurídico e institucional que melhor se pode alcançar a credibilidade e o sucesso das nossas preparações e prestações olímpicas – nunca esquecendo que o 'Trono' olímpico nacional que mais interessa assegurar não é a presidência do COP, mas um outro: a união e a galvanização do povo português.